

AS HEMEROTECAS DIGITAIS E A DITADURA MILITAR: SILÊNCIOS E POSICIONAMENTOS NA WEB*

Francis Lampoglia (PPGCTS/UFSCar)

RESUMO: O presente trabalho estuda o funcionamento discursivo de três páginas da web referentes às hemerotecas digitais dos jornais: Última Hora, situado no site do Arquivo Público do Estado; Jornal do Brasil, sediado no site do Google News; Folha de S. Paulo, localizado no site desse próprio jornal. Sob a orientação da Análise do Discurso de matriz francesa, fundada por Michel Pêcheux, este trabalho visa compreender o posicionamento discursivo das hemerotecas em relação ao golpe militar de 1964, atentando ao modo como são produzidos sentidos sobre as páginas da web analisadas, assim como observar os sentidos que surgem a partir do silêncio das/nas lacunas presentes nesses acervos eletrônicos. Conscientes de que as hemerotecas são construídas discursivamente, observamos que esses espaços que armazenam jornais e revistas são portadores de um dado posicionamento que pode influir no ponto de vista dos pesquisadores de hoje. Com isso, visamos destacar a importância de se estudar o discurso presente nas hemerotecas digitais como forma de romper com o efeito ideológico de que uma hemeroteca é isenta de posicionamentos, reunindo em si toda a história.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso; hemeroteca digital; posicionamento discursivo.

INTRODUÇÃO

Este trabalho investiga o funcionamento discursivo de três páginas de hemerotecas digitais, que reúnem os acervos digitalizados dos jornais Última Hora, Jornal do Brasil e Folha de S. Paulo, tendo por recorte o material publicado nos anos de 1966 e 1970. A hemeroteca, onde são armazenados jornais, revistas e/ou recortes dos mesmos, aproxima do presente os dizeres que circularam no passado, constituindo-se em material de estudo para pesquisadores, professores e alunos dos ensinos fundamental, médio e universitário, entre outros. Inserida no ambiente eletrônico, além da redução de gastos com manutenção e acondicionamento, a hemeroteca digital proporciona um acesso ao acervo mais rápido e amplo que a hemeroteca física e convencional. Além disso, a página que organiza e conduz o sujeito-leitor ao acervo é construída discursivamente, refletindo posicionamentos e instigando sentidos que podem influir na tomada de posição do sujeito-pesquisador em relação ao jornal e aos acontecimentos da época discursivizados no jornal. Utilizamos como embasamento

* Acesso ao registro da comunicação em Fórum: <<http://www.textolivre.org/forum/viewtopic.php?f=12&t=3816>>.

teórico a Análise do Discurso de linha francesa fundada por Michel Pêcheux em 1969 para investigar como são construídas as discursividades das páginas selecionadas, observando os posicionamentos e os efeitos de sentido presentes no discurso das hemerotecas digitais analisadas.

A TEORIA DA ANÁLISE DO DISCURSO E ANÁLISES

A Análise do Discurso (AD) de matriz francesa concebe que os sentidos não são óbvios e nem imanentes às palavras, mas dependentes do contexto sócio-histórico e ideológico e do posicionamento do sujeito que as profere. Pêcheux (1997) afirma que

(...) o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). (PÊCHEUX, 1997, p. 160).

O sujeito, na concepção da AD, é afetado pela ideologia, pelo inconsciente e pela história, sendo constituído pelo interdiscurso, ou seja, pela rede de já-ditos que compõe seu dizer. Segundo Fernandes (2005), para a AD, “Importa o sujeito inserido em uma conjuntura social, tomado em um lugar social, histórica e ideologicamente marcado; um sujeito que não é homogêneo, e sim heterogêneo, constituído por um conjunto de diferentes vozes.” (FERNANDES, 2005, p. 13).

Inserido em dada formação discursiva, o sujeito assume uma dada posição e a partir dela enuncia, sem esgotar tal posição, isto é, sem fixar-se em apenas um posicionamento, mas podendo assumir diferentes posições conforme o contexto em que se encontra. Para Orlandi (2005),

(...) o sujeito, na Análise de Discurso, é posição entre outras, subjetivando-se na medida mesmo em que se projeta de sua situação (lugar) no mundo para sua posição no discurso. Essa projeção-material transforma a situação social (empírica) em posição-sujeito (discursiva). (ORLANDI, 2005, p. 99)

Dessa forma, podemos analisar aqui o primeiro recorte selecionado: a página do acervo Folha que apresenta as edições de 21 a 30 de setembro de 1966. Dividido em cinco colunas de duas linhas, as manchetes dos jornais apresentados apresentam-se na seguinte diagramação:

Setembro de 1966:

“Costa dirige apelo a São Paulo” Dia 30, sexta-feira	“Gesto de Auro desagrada Castelo” Dia 29, quinta-feira	“Verba: juiz condena deputados” Dia 28, quarta-feira	“O governo insiste no diálogo” Dia 27, terça-feira	“ESTUDANTES ADOTAM NOVA TÁTICA” Dia 26, segunda-feira
“Estudantes decretam fim da greve” Dia 25, domingo	“Estudantes: governo estuda ação” Dia 24, sábado	“Estudantes: Castelo ouve relato” Dia 23, sexta-feira	“Castelo: repressão sem excessos” Dia 22, quinta-feira	“Estudantes realizam manifestação” Dia 21, quarta-feira

Figura 1: Diagrama confeccionado a partir dos dados constantes na página do Acervo Folha, disponível em: <http://acervo.folha.com.br/fsp/1966/09>. Acesso em: 17 abr. 2012.

O conjunto de manchetes colocadas lado a lado produzem determinados efeitos de sentido que a manchete isolada, em si, poderia não evocar. Nota-se que o sujeito-estudante, no contexto da ditadura militar, é colocado numa posição de guerrilheiro – já que a expressão “adotam nova tática” remete aos sentidos de guerrilha, agentes de manifestações e coordenadores de greves. Já o governo militar é colocado numa posição pacificadora, democrática, dado que “insiste no diálogo”, “ouve relato” e apela para uma “repressão sem excessos”. Com isso, é possível perceber a construção de um discurso que marca dois posicionamentos distintos, instigando sentidos de homogeneidade e silenciando a heterogeneidade inerente a todo dizer. Ou seja, ao dizer que os “estudantes decretam fim da greve”, são silenciados os operários, sindicalistas, dentre outros, que efetivamente participaram e/ou comandaram a greve.

A noção de silêncio, conceito elaborado por Orlandi (2007), pode ser detectada por duas formas, quais sejam, o silêncio fundador e a política do silêncio. A primeira forma torna possível a significação, sendo aquele silêncio “que existe nas palavras, que significa o não-dito e que dá espaço de recuo significativo, produzindo as condições para significar” (ORLANDI, 2007, p. 24). Já a política do silêncio se subdivide em silêncio constitutivo, que

indica que para dizer é preciso silenciar outras palavras, e o silêncio local, que se refere à censura, a interdição do dizer.

O silêncio, segundo Orlandi (2007), não é transparente e é tão ambíguo quanto as palavras, “pois se produz em condições específicas que constituem seu modo de significar” (p. 101). O silêncio significa, sendo infrutífera sua tradução em palavras, entretanto, possível a compreensão dos sentidos que dele emanam por meios de observação discursivos (ORLANDI, 2007, p. 102). Sendo assim, podemos analisar as figuras 2 e 3 que seguem:



Figura 2: GOOGLE News. Jornal do Brasil. Jan. 1970. Disponível em: http://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19920614&b_mode=2. Acesso em: 17 abr. 2012.

É possível observar na figura 2 a ausência de edições referentes aos dias 2 e 4 de janeiro de 1970. Tais lacunas provocam o sujeito-leitor a interpretá-los, instigando sentidos vários. A não-disponibilidade da edição pode significar que o material estava deteriorado a ponto de não poder ser digitalizado, ou que a edição se perdeu. Mas também pode remeter a sentidos de censura, considerando-se o contexto sócio-histórico e ideológico da época. O mesmo tipo de lacuna aparece no site do Arquivo Público do Estado, referente ao fundo Última Hora:



Figura 3: ARQUIVO Público do Estado. Última Hora. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uhdigital/pesquisa.php>. Acesso em: 17 abr. 2012.

Nota-se aqui a ausência das edições dos dias 1 e 8 de maio de 1966. Assim, a ausência dessas edições tanto podem marcar sentidos de interdição devido a fatores físicos (extravio do material) como a fatores políticos (como a censura da época em que os jornais foram publicados). Mas também pode ser devido a uma falha no processamento técnico de digitalização, ou mesmo a preferência do sujeito-construtor do site em colocar certas edições em detrimento de outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da discussão e dos dados expostos, é possível observar que o silêncio pode atribuir vários sentidos, atestando que o “silêncio não fala, ele significa” (ORLANDI, 2007, p.102). A hemeroteca digital configura-se numa construção discursiva já que, além de outros fatores, promove um recorte do acervo original. Ao verificarmos que nem todas as edições constam no acervo, notamos que os sentidos do discurso da hemeroteca são afetados, podendo influenciar na tomada de posição do sujeito-leitor/pesquisador.

REFERÊNCIAS

ACERVO Folha. Edições de setembro de 1966. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/fsp/1966/09>. Acesso em: 17 abr. 2012.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Última Hora. Disponível em: <<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uhdigital/pesquisa.php>>. Acesso em: 17 abr. 2012.

FERNANDES, C. A. Análise do Discurso: reflexões introdutórias. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

GOOGLE News. Jornal do Brasil. Disponível em: <http://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19920614&b_mode=2> Acesso em: 17 abr. 2012.

ORLANDI, E. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. Campinas: Unicamp, 2007.

ORLANDI, E. Discurso e texto: formulação e circulação de sentidos. Campinas: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, M. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Unicamp, 1997.